

Alunos sofrem com reposição aos sábados

Jornal de Brasília • 15

Elson Soares

sábados

A falta de estrutura de apoio, como funcionários de limpeza e de merenda, está trazendo maiores transtornos ao funcionamento das aulas de reposição aos sábados do que mesmo o índice de freqüência, cuja média não baixa dos 80%. Como a Fundação Educacional se nega a pagar hora extra aos funcionários para o turno adicional, não existe limpeza de banheiros e salas de aulas, os alunos não recebem lanche e os professores não têm quem sirva água ou cafezinho.

Nos três primeiros sábados de reposição (9, 15 e 22 de julho), os alunos da 1^a a 4^a série do Centro Educacional 19, em Ceilândia Sul, não sentiram nem o cheiro do tradicional lanche, que vai do macarrão com sardinha ao bolo de fubá com suco. A diretora Laís Ferreira Lima fez o que pôde: distribuiu sete biscoitos bem contados a cada aluno, a seco. "As coisas só não estão piores porque algumas faxineiras, mais dedicadas, estão colaborando, voluntariamente", explicou Laís.

Sobrecarga

De um modo geral, professores do Plano Piloto e das cidades-satélites concordam em que os alunos de melhor rendimento escolar não reclamam nem sentem a sobrecarga das aulas de recuperação aos sábados. "Os menos interessados, de piores notas, e por isso mesmo, os que mais precisam destas aulas, são os que faltam", diz a professora Maria Ferraz, da Escola Classe 113 Norte. Mas nem só os relapsos deixam as classes vazias no sábado. O professor José Henrique Conceição, do Centro Educacional de Ceilândia, se viu impedido de avançar nos conteúdos programáticos para não prejudicar 20% de seus alunos, que trocam os estudos pelo trabalho neste dia. "E a tal pedagogia do oprimido", lembra José Henrique.

Josemilson da Conceição, 17 anos, aluno da 8^a série do Centro Educacional, parece que chega à escola só para confirmar as palavras do professor. Ele passa rapidamente para avisar que faltaria ao grupo de trabalho porque não poderia abandonar seu posto de empacotador no Jumbo Eletro de Taguatinga.

Cabeça cheia

"Uma droga", resume Simone Bellorre, 12 anos, as aulas dos sábados. E logo ganha um coro de definições semelhantes das colegas Tatiane, 13 anos, e Carla Rosane, 12,



Alunos enfrentam alguns transtornos, como a falta de lanche e muita sujeira nos banheiros

todas estudantes da Escola Classe 113 Norte. Elas estão de fato irritadas com as aulas aos sábados e reclamam de tudo: que não ganham lanche, que estão com a "cabeça cheia" de estudar, que têm um dia a mais de educação física na semana e que, ao invés da escola, gostariam de estar passeando no Park Shopping ou no Conjunto Nacional.

Elogios

Na Escola Classe da 312 Norte, de 1^a a 4^a série, só 10% dos alunos em média estão faltando e as professoras Edna Oliveira e Sueli Mendes elogiam a freqüência, embora Juliana Nogueira, 10 anos, da 4^a série, ache que seus colegas ficam mais "bagunceiros" aos sábados. Há também quem encontre bons motivos para ir ao colégio aos sábados pela manhã. Alessandra, 14 anos, da 6^a série da Escola Classe da 410 Norte, não acha tão ruim assim a escola, quando lembra que se não estivesse ali estaria arrumando a casa para sua mãe.

Festa substitui aula

O Centro Educacional 03 da Ceilândia Sul substituiu o dia letivo de ontem - um dos 42 a serem repostos em função da greve de professores - por atividades extra-curriculares que vem se realizando há vários anos na escola. Embora tenha sido duramente criticada em reposição de greves anteriores, esta troca de conteúdo por atividades extra-curriculares foi plenamente aceita por pais, alunos e professores que elaboraram o calendário de reposição dos dias letivos após o fim da greve.

O coordenador pedagógico da escola, Silvestre Enéias, explica que dentro do período letivo estão previstos atividades extra-curriculares que substituam dias letivos. "A festa junina da escola proporciona aos

alunos o convívio comunitário e o contato com elementos do nosso folclore", justificou. Ele lembra que apenas uma minoria da comunidade se mostra insatisfeita com estas alterações no currículo.

O presidente do Grêmio Estudantil da escola, Adilson César Araújo, aluno do 3º ano B, do segundo grau, diz que "embora não seja o ideal, a troca do conteúdo de matérias pelo trabalho na montagem da festa não deixa de ser proveitosa, uma vez que o evento reunirá toda a comunidade, incluindo professores, alunos e pais. Este ano estamos cobrando mais dedicação dos professores durante as aulas de reposição, e pelo que sentimos nos dois primeiros sábados de aula, eles estão correspondendo", avaliou.